

São Paulo, 19 - X - 1958
ANO LX ★ NÚMERO 39

FALECEU O PAPA

As 3.52 horas da madrugada do dia 9 p.p., faleceu, em Castelgandolfo, Sua Santidade o Papa Pio XII, aos 82 anos de idade e 19 de pontificado. — Em breves e magistrais palavras, D. Hélder Câmara comentou a triste ocorrência: "A Igreja perdeu um grande Papa e o céu conquistou um grande santo".



A grande Missionária

Três elementos constituem, teologicamente a missão: uma projeção de Deus, sobre os homens, com finalidade salvacional.

Assim Jesus, o Missionário do Pai, provinha Dêle, numa obediência perfeita, que jamais separou a ambos, nec Patris liquens dexteram.

E falou aos homens, uma linguagem humana, para que fôsse entendido em sua mensagem.

Quis, mesmo, revestir a natureza humana para que seu Evangelho soasse mais adequadamente a nossos ouvidos.

Mas a sua finalidade única foi a vontade do Pai, salvífica e universal. "Não vim para dirimir contendas, vim para as ovelhas que se perderam". "A fim de que todos tenham vida, vida sobrenatural abundante". "Quem me confessar perante os homens, Eu o apresentarei à face de meu Pai".

E delineou em sua figura humano — divina, o Missionário Perfeito.

Os que foram chamados à honra de segui-Lo, devem copiá-Lo, na medida de seu alcance e caminhos individuais.

Receber a missão, de Deus, saber falar a todos os homens, não ter outro interesse senão a salvação das almas.

Obediência e missão legítima, amor a tôdas as almas e conhecimento da psicologia humana, zelo voltado unicamente para os frutos espirituais.

Assim, o missionário que copia Jesus.

Mais vizinha ao Missionário do Pai do que todos os apóstolos, Nossa Senhora é também um paradigma.

Se A semelhassem, todos os missionários seriam a imagem de Jesus.

Em tôdas as terras e lugares, o apóstolo

lo que é uma Presença de Maria assegura o Reinado de Cristo.

Porque, nos elementos essenciais da Missão, a Rainha dos Apóstolos sobressaiu-se a todos os enviados.

Ela vem de Deus.

Da plenitude do Senhor, porque é Imaculada e Plena de Graça.

Está unida a Deus, porque jamais se afastou Dêle.

Entre todos os que pizaram na terra, ninguém é tão do céu como Maria.

Em Fátima, Ela pôde dizer, no gesto missionário que A trouxe à terra: "Eu venho do céu!"

Ela fala aos homens.

Foi Maria quem nos deu a Palavra de Deus, o Verbo, o seu Filho Jesus.

Ela, na primária Igreja, em todos os séculos, em nossos dias, em nossos corações, na expressão suave e materna de uma linguagem que nós todos compreendemos porque é a linguagem do amor!

Em Aparecida, Ela revestiu a nossa semelhança, pobre e pequenina em sua Imagem, para que A sentíssemos bem nossa...

Suas palavras querem a nossa salvação. Dissera aos servos de Caná, referindo-se a Jesus: "Fazei tudo o que Ele vos disser". E o rediz a cada um dos nossos corações, anelando a nossa virtude e encaminhamento para a Ventura do Palácio Celeste.

Não foi isso que significou quando, em Lourdes, olhando amorosamente a Bernadette, e a cada um de nós, na alma da pastorinha, Ela disse:

"Prometo fazer-te feliz, imensamente feliz, mas não na terra?"

ESCREVEU

+ Antônio Pereira Alves de Liqueiro
Ciro. Coedy.

À MARGEM DO EVANGELHO

VIGÉSIMO PRIMEIRO DOMINGO DEPOIS DE PENTECOSTES

(S. Mateus, XVIII, 23-35)

O homem em estado natural, o selvagem, por exemplo, tem a vingança na conta de virtude. Perdoar as injúrias, não tirar desforra das ofensas recebidas nunca passará de um ato de covardia.

Nosso Senhor Jesus Cristo veio corrigir esta miopia humana. Proclamou desassombadamente, impôs até a seus discípulos o perdão dos inimigos. E todo aquêle que tentou neste particular contrariar a decaída natureza humana, sustentou uma luta surpreendente. Apalpou como é muito mais difícil perdoar do que exigir satisfação aos que nos danificaram ou ultrajaram. O valor de quem perdoa paira muito acima da pertinácia de quem busca a sombria vingança.

E no Evangelho do dia, por meio de uma parábola diáfana, inspirada justamente no costume de chamarem os judeus as ofensas de dívidas, arazoa Jesus vigorosamente a intimação de perdoar que fêz aos homens. Deus Nosso Senhor continuamente nos está perdoadando ofensas volumosas e nós não seremos capazes de riscar da memória ultrajes de um palmo? Se sermos nós perdoados achamos natural, como os outros não deverão ser desculpados de seus erros? Se é da perfeição divina esquecer nossos pecados, e para ela apelamos com medo do castigo, acaso a perfeição humana não reclamará também o perdão?

No domingo de hoje, o divino Mestre expõe a doutrina do perdão. Mas nas angústias do Calvário apresentou o sublime exemplo que confirma seu ensinamento, que nos injeta coragem para praticá-lo. Reduzido ao mais lastimável estado pela fúria dos inimigos, ainda procura na ignorância descobrir alguma desculpa que desbaste um pouco o pecado monstruoso.

Daí para cá, que série de magníficos exemplos de perdão enfileiraram os seguidores de Jesus Cristo!

Admiremos esta página da vida de Sto. Antônio Maria Claret, quando distribuía pela ilha de Cuba os benefícios de suas virtudes apostólicas. Sendo Arcebispo de Cuba, saía certa noite da igreja após a pregação, na cidade de Holguin, e alguém se aproximou aparentando querer beijar-lhe o anel. Em vez do estalo de um beijo respeitoso, eis que gira no ar escuro a navalha assassina para cortar o pescoço do santo. Deus o protegia! Como levasse a cabeça inclinada e com a mão direita segurasse um lenço que tapava a boca, a navalha não pôde mais que rasgar-lhe o rosto e o braço direito, de onde jorrou o sangue generoso. Pois bem, sabem quem era o filho das trevas? Um prêso que o santo, a rogos da família, tomara a peito tirar da cadeia um ano antes e que, solto, "lhe fêz o

Naquele tempo, disse Jesus a seus discípulos esta parábola:

"O reino dos céus é semelhante a um rei que quis fazer as contas com seus servos. E tendo começado a fazer as contas, foi-lhe apresentado um que lhe devia dez mil talentos. E como não tivesse com que pagar, mandou o senhor que fôsse vendido êle e sua mulher, e seus filhos, e tudo o que tinha, e se saldasse a dívida.

Porém, o servo, lançando-se-lhe aos pés, lhe suplicava, dizendo: — "Tem paciência comigo e te pagarei tudo". E o senhor, compadecido daquele servo, deixou-o ir livre e perdoou-lhe a dívida.

Mas êste servo, tendo saído, encontrou um dos seus companheiros que lhe devia cem dinheiros. E lançando-lhe a mão, o sufocava, dizendo: — "Paga o que me deves".

E o companheiro, atirando-se-lhe aos pés, lhe suplicava: — "Tem paciência comigo e eu te pagarei tudo". Êle, porém, não quis, mas se retirou e fêz que o metessem na prisão, até pagar a dívida.

Ora, os outros servos, seus companheiros, vendo isto, ficaram muito contrista-

dos. E foram e referiram ao senhor tudo o que acontecera. Então, o senhor chamou-o e lhe disse: — "Servo mau, eu te perdoei a dívida tôda, porque me suplicaste. Não devias tu logo compadecer-te também do teu companheiro, como eu me compadeci de ti?" E o senhor irado entregou-o aos algozes até que pagasse tôda a dívida.

Assim também vos fará meu Pai celeste, se não perdoardes do íntimo de vossos corações cada um a seu irmão".

favor de feri-lo". E como reagiu Sto. Antônio Maria? Instou com o Capitão Geral de Havana para que anulasse a pena de morte, fizesse sair da ilha o infeliz a fim de não tombar às mãos de populares e ainda se ofereceu para pagar-lhe a viagem.

Pe. ATHOS LUÍS CUNHA, C. M. F.

PAPA PIO XII

venerados do mundo; um dos maiores da S. Igreja

com as espadas voltadas para o solo, mantêm-se imóveis. Os penitentes da Basílica do Vaticano, pertencentes à Ordem de São Francisco, recitam o ofício dos mortos e apenas o seu murmúrio quebra o silêncio que, como um véu mortuário, cobre o Vaticano. O rosto do Papa foi recoberto por um camareiro com um lenço de linho, logo após o falecimento. Esse véu foi retirado logo depois que os camareiros secretos participantes introduziram no quarto mortuário o cardeal Canali, Grande Penitente, que chegou acompanhado dos prelados da Reverenda Câmara Apostólica. O cardeal apresenta-se em vestes de luto, ajoelha-se sobre um coxim escarlate e recolhe-se durante alguns instantes, levanta-se. A seguir, aproxima-se do leito de morte, para registrar oficialmente o falecimento. Voltando-se para os assistentes, ele declara: "O Papa está realmente morto".

Cumprido o ato de registro oficial, o cardeal recita o "De profundis", a oração da absolvição, enquanto a assistência se ajoelha e ele asperge o corpo com água benta.

O Pró-Mordomo de Quarto retira o "Anel do Pescador" que o Papa ainda traz no dedo e o entrega ao cardeal. Esse anel assim como a matriz do "chumbo", que deve fazer parte das bulas papalinas, serão quebrados durante a primeira reunião plenária, na Congregação que realizará o Sacro Colégio, quando será nomeado o cardeal camerlengo, que terá o privilégio de entregar ao novo Papa, logo depois de sua eleição, na Capela Sixtina esse novo anel, emblema da jurisdição pontifícia.

Antes de retirar-se, o cardeal assiste à leitura da ata do óbito e da entrega do Anel do Pescador. Um protonotário apostólico, ajoelhado ao pé do leito fúnebre, procede à leitura do documento. Encerrada esta formalidade, o cardeal penitente dirige-se a uma sala dos apartamentos pontifícios, onde adota as medidas para as notificações oficiais da morte do Papa. O cardeal-vigário de Roma, avisado do falecimento, já alertou as igrejas da Cidade Eterna, cujos sinos dobram em uníssono.

As visitas serão admitidas até que seja levado o corpo do Papa para São Pedro, para os funerais solenes, que duram 9 dias.

No Vaticano, as bandeiras foram recolhidas à meia-haste e a porta de bronze esteve semicerrada.

Procurando ordenar nossas lembranças e pensamentos, o Papa Pio XII aparece na nossa imaginação como o exemplo da mais pura grandeza humana ao serviço da Humanidade atormentada. Foi um verdadeiro Pontífice, construtor infatigável e inspirado da ponte entre a idade moderna e a Igreja da eternidade, entre a democracia moderna e o cristianismo, que elaborou nas suas mensagens luminosas os princípios da democracia personalista e cristã em oposição à democracia individualista e liberal, cujo trágico malogro histórico traduzem em notícias as páginas cotidianas dos jornais. Pio XII já entrou na história como o intrépido defensor da pessoa humana, da liberdade da fé, da liberdade religiosa, da liberdade do testemunho da consciência, dos direitos das pessoas à existência, ao trabalho, à igualdade perante a lei, ao progresso cultural, econômico e social — portanto desses valores tão vilipendiados e malbaratados pelos regimes totalitários da direita e da esquerda, igualmente desuma-

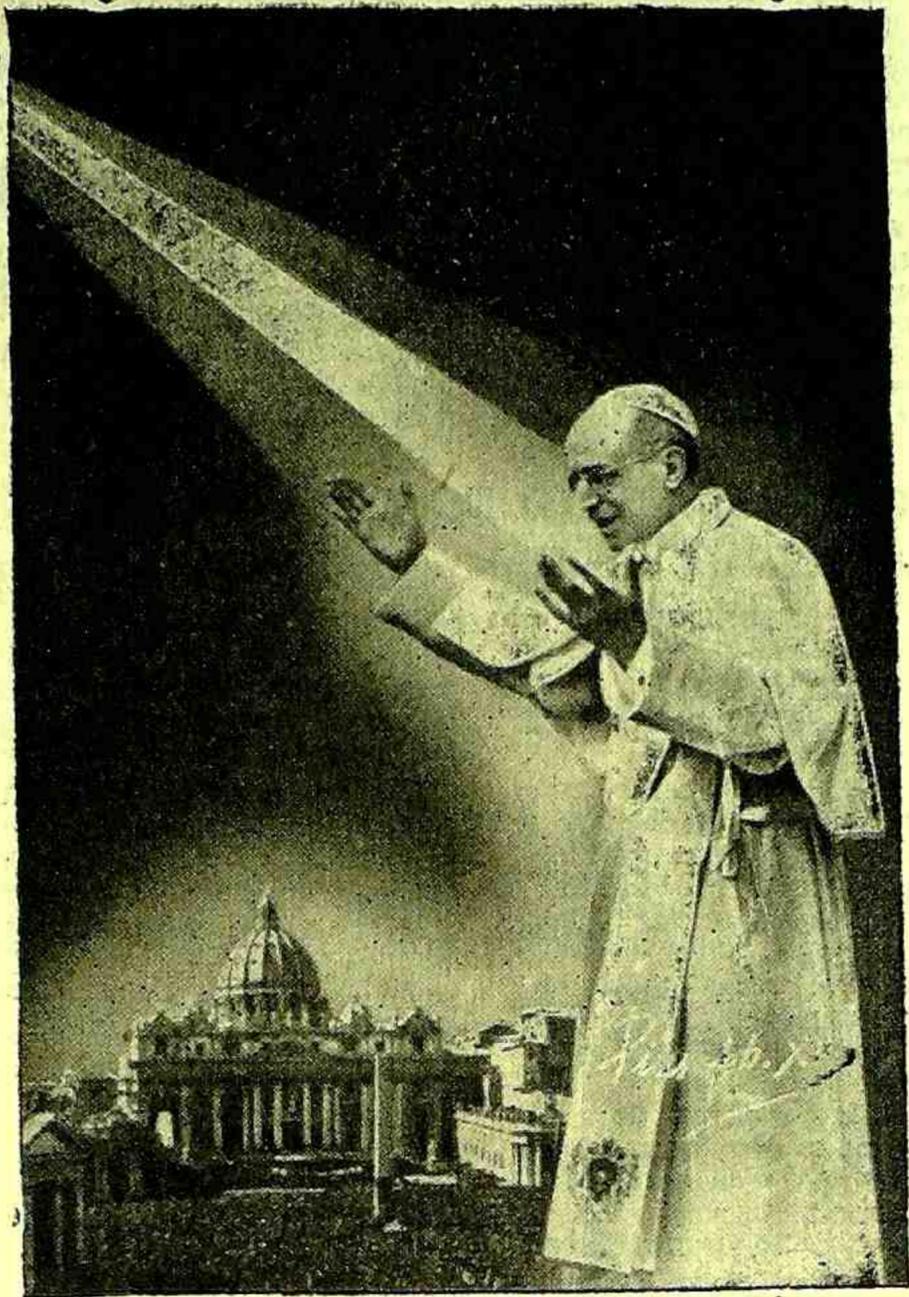
S. S. PIO XII E O NOSSO TEMPO

nos e anti-sociais. A crise da educação, os problemas sociais do trabalhador, a vocação dos intelectuais, o amor matrimonial, parto sem dor, eutanásia, inseminação artificial, literatura, música e arte sagradas, padrões morais dos meios modernos da difusão, imprensa, rádio, cinema, televisão, a conquista do espaço sideral, milenarismo científico e técnico, escatologia nuclear, colonialismo e emancipação dos povos, unificação dos continentes e integração planetária — tudo o que toca o homem moderno no que há nele de mais íntimo e no que diz respeito aos quadros sociais em que sua vida agitada se desenrola, encontrou ressonância no seu coração paternal. Foi o Pontífice que procurou encadear a vida deste homem moderno, — absorvido pelas angústias do tempo presente e

surdo à voz de Deus — não ao que passa, mas sim à eternidade e assim aliviar seus tormentos intelectuais, morais e sociais.

Pio XII se impôs à Humanidade como Teólogo, Mensageiro e Construtor da Paz. Ainda lembramos, como se tivesse acontecido ontem, o grito de alarme com que se dirigiu, logo depois da sua elevação papal, às potências mundiais antes de iniciar-se a hecatombe: "com a paz nada está perdido, mas pode ser perdido tudo com a guerra". Subiu ao trono de São Pedro, a 2 de março de 1939, escolhendo o nome Pio que é "um nome de paz", adotando para seu pontificado a divisa: "paz, a obra da justiça", e anunciando ao mundo no seu brasão de armas pelo ramo de oliveira das pombas brancas a mensagem da paz. Nascido de uma família tradicional de patrícios romanos, juristas e diplomatas, servidores fiéis da Santa Sé, trazia nas veias e nos nervos a requintada sabedoria política e as perspectivas universais de uma Monarquia de dois mil anos. Entrando, nos anos mais decisivos da

voluções criaram para a Igreja a maior crise de adaptação que experimentou desde o desmoronamento do Império Romano e a invasão dos bárbaros. Os movimentos de emancipação dos povos do mundo afro-asiático, opondo-se à Europa, centro de gravitação do catolicismo de vocação universal, opõem-se também ao cristianismo. Os movimentos revolucionários de emancipação comunista do proletariado, opondo-se à classe burguesa — com a qual a Igreja, após cem anos de luta sem trégua, afinal se reconciliou — se opõem também ao cristianismo. Não pode ser a tarefa de um só homem a de resolver uma tal crise secular, embora seja ele da envergadura de Pio XII, deste Romano de Roma, de visões romaneamente imperiais e catolicamente universais. Mas o senso de universalidade, de proporção e de equilíbrio deste Papa providencial indicou o rumo da superação da crise e das futuras ainda maiores glórias da Igreja, tornando-o capaz de distanciar-se das falácias anacrônicas da ordem internacional concebida exclusivamente nos termos de liderança européia, que não significa outra coisa senão uma espécie de imperialismo europeu intelectual e cultural e, ao mesmo tempo, levando-o a chamar a atenção para a cegueira fatal dos falsos nacionalismos que são culpados pela deteriorização das relações entre as nações européias e as não européias que aspiram à plena independência. Se o Papa fulminou a condenação e a excomunhão contra os novos Neros e Napoleões que aprisionam cardeais, bispos, sacerdotes e per-



seguem os fiéis de Cristo, ao mesmo tempo defendeu as justas reivindicações do trabalhador indo até a aprovação das socializações

parciais e de certas formas da autodeterminação operária. Se suas posições foram insuficientes para os impacientes e demais ousadas



Pio XII era querido e respeitado. Homens de tôdas as religiões pranteiam a sua morte.

TELEGRAMAS E MENSAGENS:

● **Da rainha Elizabeth II** — “A rainha ordena-vos transmitir a monsenhor Tardini a expressão do profundo pesar que Sua Majestade e o Duque de Edimburgo sentiram ao receber a notícia do falecimento de Sua Santidade o Papa Pio XII. Esse triste acontecimento reavivou no espírito da rainha a memorável recordação que tinha guardado de sua entrevista com Sua Santidade em 1951, assim como a recordação de sua incansável bondade para com os membros das forças da “Commonwealth”, durante os anos da guerra”.

● Assim se expressou a sra. **Olga Meir**, ministro do exterior de Israel, em Nova York — “Quando o doloroso martírio atingiu nosso povo, durante o regime nazista, a voz do Papa levantou-se contra os perseguidores, manifestando compaixão pelas vítimas”.

● **Os Judeus italianos**, na voz do grande rabino, **Elio Toaff** — “Mais que qualquer outro, tivemos a ocasião de provar a grande piedade e a generosidade do Pontífice durante os anos de perseguição e de terror da ocupação de Roma pelos nazistas durante a última guerra, quando parecia que não existia para nós nenhuma outra forma de salvação”.

● **Dag Hammarskjöld**, secretário geral da ONU — “Com o falecimento de S. Santidade o Papa Pio XII, esta geração perdeu um dos seus mais nobres filhos, e um de seus maiores líderes. O Papa sempre lutou pela paz e pela boa vontade entre os homens. Sua fé radiosa, a generosidade de seu coração, e sua profunda sabedoria, deram-lhe uma influência única. Participo da profunda tristeza daqueles que comungam com os ideais sagrados, pelos quais ele deu a vida”.

● **Os metodistas ingleses** — “Era verdadeiramente um homem santo” — afirmou o reverendo **Norman Snaith**, presidente da Igreja Metodista, manifestando a simpatia dos metodistas aos católicos.

● **Os protestantes dos EE. UU.** — O sr. **Gardner Taylor**, presidente do Conselho das Igrejas protestantes, em Nova York, afir-

mou que — o “vigor e a visão do Papa iriam fazer uma falta terrível aos homens de boa vontade do mundo inteiro”.

● **Giuseppe Pela**, antigo presidente do Conselho democrata-cristão, declarou — “O progresso das nações sobre o plano espiritual e material encontra e encontrará uma direção fecunda nas mensagens, discursos, atos do grande pontífice que hoje está assentado à direita do Cristo, do qual foi digno vigário. Mas as gerações futuras se lembrarão de Pio XII como o Papa que exortou os homens responsáveis a batizar uma Europa unida, expressão da universalidade cristã”.

● **O presidente Eisenhower** — “O mundo tornou-se mais pobre com a morte do Papa Pio XII. Ele consagrara sua vida inteira à devoção para com Deus e ao serviço da Humanidade. Inimigo declarado da tirania, sempre foi um amigo cheio de simpatia e um benfeitor dos oprimidos, e sua mão caridosa estendia-se sempre prontamente para socorrer as infelizes vítimas da guerra.

“Ele se fizera, obstinadamente, sem medo e sem espírito partidário, o campeão da causa de uma paz justa entre as nações do mundo. Dotado de uma visão profunda, soube permanecer à altura de um mundo em constante mutação, e jamais perdeu de vista o destino eterno da Humanidade. Tive o privilégio de conhecê-lo pessoalmente. Associe-me a todos os homens de boa vontade no luto pela sua morte”.

● **O chanceler alemão, Konrad Adenauer** — “No curso de um período de muito graves perturbações de ordem intelectual, social e política no mundo inteiro, o falecido Papa dirigiu os destinos da Igreja com uma sabedoria admirável e deu ao mundo um exemplo luminoso. Todo o povo alemão, no meio do qual ele exerceu uma atividade salutar durante anos e ao qual ele trouxe, nos anos da maior angústia, uma ajuda enérgica e eficaz nos domínios moral e material, dêle guardará para sempre uma lembrança respeitosa e reconhecida”.

● **O presidente do Conselho francês, o General De Gaulle** declarou numa mensagem ao Colégio dos Cardeais: “Solicito a

Vossas Eminências aceitarem as minhas condolências pessoais e a expressão de minha dolorosa solidariedade. Ao findar esse grande e ilustre Pontificado, durante o qual a humanidade conheceu as mais terríveis provas, evoco com emoção e respeito a elevada figura de Pio XII, cujo fervoroso testemunho inspirou em tantos homens a coragem e a esperança”.

● **O vice-presidente dos EE.UU., sr. Richard Nixon** — “O mundo perdeu um dos defensores mais eminentes da dignidade humana, da liberdade e da paz”.

● **O secretário de estado norte-americano, Foster Dulles** — “Foi com uma profunda tristeza que soube da morte de Sua Santidade Pio XII. O falecimento desse grande chefe espiritual, que sempre se colocou na vanguarda da defesa da civilização cristã, é uma grande perda para todos os povos do mundo. Seu absoluto devotamento à causa da paz e da justiça foi sempre uma elevada inspiração e uma permanente esperança para toda a humanidade numa época perturbada e difícil”.

● **O presidente da Itália, Giovanni Gronchi** — “Enquanto, nesta hora de luto, evocamos a lembrança do grande apóstolo de Pio XII, e que, no coração dos italianos, ressurgem a memória do consolo que eles tiveram nas circunstâncias mais dolorosas, da sua solicitude paternal, desejo manifestar a Vossa Eminência, para todo o Sacro Colégio, minhas mais profundas condolências”.

● **O presidente da República federal alemã, Theodor Heuss** — “O falecimento de Sua Santidade Pio XII, que era esperado após sua nova moléstia, emocionou o coração de todos os homens, qualquer que seja sua religião, sua atividade nos domínios religioso, social e moral. Preocupado unicamente em aumentar as virtudes do homem, consumindo-se literalmente para cumprir as tarefas de seu alto ministério, dotado de uma sabedoria serena e de uma bondade simples e cordial, ele se tornou, para além de sua geração, uma personagem histórica e um exemplo de dignidade. Seus contemporâneos e as gerações futuras lhe devem uma grata recordação”.



BENTO GONÇALVES — R. G. S.
— O Sr. Pedro Caleffi, esposa e filhos oferecem às Vocações Claretianas a importância de Cr\$ 10.000,00, pedindo ao Coração de Maria a perseverança na vocação sacerdotal claretiana dos seus três filhos: Nelson, Plínio e Paulinho.

RESPLENDOR — Imploro de Sto. Antônio Maria Claret a graça de sarar do mal que venho sofrendo há tempo. Arminda B. Morais.

PRESIDENTE VENCESLAU — Agradeço a Santo Antônio Maria Claret o bom resultado obtido em meus negócios. Aécio de Féo Flora.

INIMUTABA — Agradeço a Santo Antônio Maria Claret a cura de meu sobrinho Marcos; encontrava-se muito mal e salvou-se por um milagre. Francisca Laudelina Alves.

CASA BRANCA — Agradeço a Sto. Antônio Maria Claret a cura de minha sobrinha. Júlia de Castro.

BATATAIS — Agradeço a Santo Antônio Maria Claret a cura de minha mãe e terem meus irmãos sido felizes nos exames. Uma Devota.

BOCAINA — Agradeço a Santo Antônio Maria Claret a cura de minha filha. Zinah de Oliveira Prado.

PONTA GROSSA — Agradeço a S. Antônio Maria Claret ter recuperado a vista, já quase perdida. Joaquim M. Cordeiro.

QUIRIRIM — Agradeço a Santo Antônio Maria Claret importante graça obtida por sua intercessão. Onderig Indiani.

ITAQUI — Agradeço a Santo Antônio Maria Claret ter salvo meu filho José de um grande perigo; também agradeço-Lhe graças em favor de minha filha Gladys e de minha irmã Abigail. Branca Lacroix Flôres.

SOROCABA — Agradeço a Santo Antônio Maria Claret a cura de minha neta Rosa Maria. Maria Bolina.

GUARATINGUETA — Agradeço a Santo Antônio Maria Claret diversas graças obtidas em favor de pessoas de minha família e amizade, ao mesmo tempo que continuo implorando sua valiosa proteção sobre todos nós. Maria Conceição Rangel.

PÓRTO FELIZ — Agradecemos a Santo Antônio Maria Claret diversas graças. Isabel e Maria Rosália.

ARCEBURGO — Agradeço a Santo Antônio Maria Claret graças obtidas em favor de meus pais. Olívia Vitorino Peres.

— Agradeço a Santo Antônio M. Claret a proteção em meus negócios. Joaquim Nunes.

— Imploro de Santo Antônio Maria Claret sua proteção sobre minha família. José Jacoveto.

NA DATA MAGNA PARA OS MISSIONÁRIOS CLARETIANOS DE 23 DE OUTUBRO, FESTIVIDADE DE SANTO ANTÔNIO MARIA CLARET CUMPRIMENTAMOS A TODOS OS ASSINANTES DA "AVE MARIA" E A TODOS OS BENFEITORES DAS VOCAÇÕES SACERDOTAIS CLARETIANAS. SOBRE TODOS IMPLORAMOS AS BÊNÇÃOS E A PROTEÇÃO DE SANTO ANTÔNIO MARIA CLARET.

Pe. JOSÉ DE MATOS PEREIRA, C.M.F.

BOCAIUVA

Terezinha Claret Silveira,
filha do sr. Pedro e de
da. Maria Conceição



SANTA FELICIDADE

Antônio Claret Seguro Slompo, filho do sr. Inácio e de da. Helena



BOM SUCESSO

Nestor Claret Santos Teixeira, filho do sr. Lauro e de da. Zélia

OS NOIVOS

"que agora está em segurança. Cá em cima eles não virão; e, se quiserem experimentar, estamos prontos a recebê-los".

"Esperemos que não venham", disse Dom Abbondio; e acrescentou, apontando com o dedo para os montes que fechavam o vale bem em frente: "Ouvi dizer que também por aquele lado anda outro bando de malfeitores, mas... mas...".

"É verdade", respondeu o Inominado: "mas não receie, que estamos prontos também para eles".

— Entre dois fogos — dizia interiormente Dom Abbondio: — justamente entre dois fogos. Para onde me deixei arrastar! e por duas mexeriqueiras! E este homem parece mesmo que se banha aqui dentro! Oh que espécie de gente há neste mundo! —

Entrados que foram no castelo, fez o fidalgo conduzir Inês e Perpétua a um aposento do apartamento destinado às mulheres, o qual ocupava três lados do segundo pátio, na parte posterior do edifício situada sobre uma rocha saliente e isolada, a cavaleiro de um precipício. Os homens alojavam-se nos lados do outro pátio à direita e à esquerda, e no que dava para a esplanada. O corpo central, que separava os dois pátios e dava passagem de um para o outro por um vasto corredor em frente à porta principal, em parte estava ocupado pelas provisões, e em parte devia servir de depósito aos haveres que os refugiados quisessem pôr a salvo lá em cima. No apartamento dos homens, havia alguns quartos destinados aos eclesiásticos que por lá pudessem aparecer. O Inominado acompanhou a eles pessoalmente Dom Abbondio, que foi a primeira pessoa a tomar posse deles.

Vinte e três ou vinte e quatro dias estiveram os nossos fugitivos no castelo, no meio de um verdadeiro moto contínuo, e numa numerosa companhia que, nos primeiros tempos, foi sempre crescendo; mas sem que nada de extraordinário ocorresse. Não passou talvez dia em que se não recorresse às armas. Vêm lansquenés por cá, cappelletti foram vistos por lá. A cada aviso, enviava o Inominado homens para explorar; e, se se tornava necessário, tomava consigo gente que mantinha sempre pronta para isso, e ia com ela para fora do vale, para o lado onde era apontado o perigo. E era coisa singular ver um grupo de homens armados da cabeça aos pés e enfileirados como uma tropa, conduzidos por um homem sem armas. As mais das vezes tratava-se apenas de forrageiros e de pilhadores debandados, que seraspavam antes de serem surpreendidos. Porém certa vez, dando caça a alguns desses, para ensiná-los a não mais virem por aqueles lados, o Inominado recebeu aviso de que um lugarejo próximo estava sendo invadido e saqueado. Eram lansquenés de vários corpos que, ficando atrás para roubar, haviam-se reunido e andavam lançando-se de improviso sobre as terras vizinhas aquelas onde se alojava o exército; despojavam os habitantes e faziam-lhes coisas de toda sorte. O Inominado fez um breve discurso aos seus homens, e conduziu-os ao lugarejo.

Chegaram inesperadamente. Os bandidos, que tinham acreditado ir apenas à presa, vendo vir-lhes em cima gente enfileirada e pronta para combater, deixaram o saque em meio e, sem esperarem um pelo outro, escafederam-se pelo lado por onde tinham vindo. Perseguiu-os o Inominado por um bom trecho de caminho; depois, mandando fazer alto, ficou por algum tempo esperando, a ver se via alguma novidade; e finalmente voltou. E, tornando a passar pelo

lugarejo salvo, não se poderia dizer com que aplausos e bênçãos era acompanhada a tropa libertadora e o seu chefe.

No castelo, por entre aquela multidão, formada ao acaso, de pessoas de vária condição, costumes, sexo e idade, nunca surgiu uma desordem de monta. O Inominado colocara guardas em diversos lugares, os quais todos, com aquela solicitude que cada um punha nas coisas de que tivesse de prestar contas a ele, vigiavam para que não surgisse nenhum inconveniente.

Pedira êle, ademais, aos eclesiásticos e aos homens de mais autoridade que se encontravam entre os refugiados, fazerem ronda e vigiarem também. E, mais freqüentemente do que podia, rondava êle também e aparecia em toda parte; porém, mesmo na sua ausência, a lembrança daquele em cuja casa se estava servia de freio aos que disto pudessem precisar. E, aliás, era tudo gente fugitiva, e portanto, em geral, propensa à calma: a lembrança da casa e dos haveres, e, para alguns também, de parentes ou de amigos que tinham ficado no perigo, as notícias que vinham de fora, abatendo os ânimos, mantinham e aumentavam sempre mais essa disposição.

Não obstante, havia ali também gente descuidosa, homens de têmpera mais robusta e de coragem mais verde, que procuravam passar aqueles dias alegremente. Haviam abandonado as suas casas por não serem bastante fortes para defendê-las; mas não achavam gosto em chorar e em suspirar por uma coisa para a qual não havia remédio, nem em imaginar e em contemplar com a fantasia o estrago que se fartariam de ver com seus próprios olhos. Famílias amigas para ali tinham ido de parceria, ou haviam tornado a encontrar-se lá em cima; haviam-se feito amizades novas, e a multidão dividira-se em grupos, segundo os temperamentos e os hábitos. Os que tinham dinheiro e eram discretos iam jantar lá em baixo no vale, onde, naquela emergência, haviam sido instaladas estalagens à pressa: em algumas delas, os bocados eram alternados com os suspiros, e não era lícito falar de outra coisa senão de desgraças; noutras, não se relembavam as desgraças senão para dizer que não se devia pensar nelas. Aos que não podiam ou não queriam fazer a despesa de estadia, distribuía-se no castelo pão, sopa e vinho; além de haver algumas mesas, servidas todos os dias, para aqueles que o dono da casa havia expressamente convidado; e a nossa gente era deste número.

Para não comerem o pão de mão beijada, Inês e Perpétua tinham querido ser empregadas nos serviços reclamados por tamanha hospitalidade; e nisto passavam uma boa parte do dia; o resto, passavam-no em tagarelar com certas amigas que haviam feito, ou com o pobre do Dom Abbondio. Este não tinha nada que fazer, mas não se aborrecia entretanto; fazia-lhe companhia o medo. O medo propriamente de um assalto, creio que lhe havia passado, ou, se ainda lhe restava, era o que menos incômodo lhe dava; porque, pensando nele um pouquinho, devia êle compreender como era infundado. Porém a imagem da região circunvizinha inundada, duma parte e doutra, de soldados da pior espécie, as armas e os homens armados que via sempre em movimento, um castelo, e aquele castelo, o pensamento de tantas coisas que podiam surgir a cada momento em tais circunstâncias, tudo lhe incutia um pavor indefinido, geral, contínuo, sem falar do vexame que lhe causava o pensar na sua pobre casa. Em todo o tempo que esteve naquele asilo, dêle nunca se afastou a mais longe do que a um tiro de espingarda, nem jamais pôs o pé na descida: o seu único passeio era sair à esplanada e ir uma vez para um lado e outra vez para outro lado do castelo, a olhar para baixo pelos barrancos e pelos despenhadeiros, e estudar se havia por ali alguma passagem um pouco praticável, se havia um pouco de vereda, por onde ir procurando um esconderijo em caso de alarme. A todos os seus

(Continua)